

Indestructibility of Our True Personality by Death [Relativo à Indestrutibilidade de Nossa Verdadeira Personalidade, pela Morte], ele tentou definir sua posição com uma boa quantidade de ressalvas complexas: "Nós devemos encarar a personalidade interior do homem como não podendo ser ferida pela morte e como existindo fora do tempo e do espaço, de modo que qualquer impacto sobre nós, os vivos, teria que depender de inúmeros passos intermediários, todos eles do nosso lado, de modo que seria difícil definir quantos dos seus elementos foram, de fato, originados pelos que partiram."

E, refletindo cada vez mais o seu conceito filosófico básico, sobre as qualidades universais da vontade humana, Schopenhauer declara: "Na análise final, uma explicação sobre as aparições espectrais também poderia ser fundamentada na idéia de que a diferença entre aqueles que uma vez já viveram e aqueles que agora estão vivos não é absoluta; melhor dizendo, o desejo de existência está presente em ambos, de modo que um dos vivos, olhando para trás, pode trazer reminiscências, para o primeiro plano, que dão a impressão de ser uma comunicação vinda dos mortos."

Schopenhauer também examinou a teoria da reencarnação, reportando-se a Platão e analisando as tradições budistas e hindus. Ele concluiu: "Francamente, uma personalidade poderia fazer coisa melhor do que manifestar-se em um mundo como o nosso. Isto porque ele é um mundo finito, que conhece o sofrimento e a morte. O que pertence a ele e é criado por ele, deve chegar a um fim, deve morrer. Somente aquilo que não pertence a ele e que não é criado por ele consegue arremessar-se, com força fulminante e irresistível, lançando-se para o alto e não conhecendo nem o tempo nem a morte. Unificar todas estas contradições é, em essência, a tarefa da filosofia."

2

DE SHAKESPEARE A SHELLEY

Uma linha reta parte dos panfletistas de magia negra do século XVIII e vem até as novelas populares de hoje. William Shakespeare (1546-1616) deu forma dramática aos sonhos, às

lendas e às alegações e contra-alegações das façanhas sobrenaturais que existiam em abundância durante a época em que viveu. Ele havia, por certo, estudado a literatura de feitiçaria, notadamente um livro que se destaca por sua crítica objetiva dos irracionais caçadores de bruxas, *The Discovery of Witchcraft* [O Descobrimento da Feitiçaria] de Reginald Scot (Edinburg, 1584). As horripilantes estórias inventadas pelos caçadores de bruxas e, em alguns casos, pelas próprias "feiticeiras", incriminadas ou iludidas, eram a ficção de horror da época, impregnada de detalhes sobre aberrações sexuais. Seguindo-se a Shakespeare, Daniel Defoe (1660-1731) emerge como um tradutor do sobrenatural, que é por ele vertido para estórias dramaticamente perfeitas, que prendem a atenção; ele foi um pioneiro da escola de produção literária que combina a realidade com a estrutura de ficção.

No seu artigo "Shakespeare and the Occult" [Shakespeare e o Oculto], que apareceu na *The Occult Review* (Londres, 1921), C. Sheridan Jones faz estas perguntas: Qual era a atitude de Shakespeare para com o oculto? Até que ponto ele acreditou na realidade e imanência de um outro mundo, invisível e inaudível para a maioria dos homens, mas que os envolve e, ocasionalmente, faz-se reconhecer, à força, pela sua consciência? Muitas de suas peças estão juncadas de excursões ao interior daquilo que, na falta de palavras mais adequadas, eu chamaria de o reino do sobrenatural. Que significação elas tiveram? Os fantasmas e os visitantes vindos desse outro mundo, as bruxas e os duendes, seriam meros truques de cena adotados com a intenção de intensificar algum efeito dramático (mais ou menos como o teatrólogo moderno recorre às luzes do palco e à música), ou eles teriam um significado mais profundo, como que dando uma pista verdadeira da crença do próprio poeta?"

Jones recorda que, no tempo de Shakespeare, a "crença no oculto era geral" e ninguém questionava "a existência da bruxaria!" Ele declara que algumas das maiores peças de Shakespeare seriam "ininteligíveis", sem a compreensão do pensamento ocultista da sua época. Distância e idolatria tornaram indefinível a personalidade e até mesmo a identidade de Shakespeare. Todavia, fosse ele o que fosse, suas peças contêm numerosos indícios sobre suas idéias. O jovem Shakespeare que escreveu *Romeu e Julieta* era um sensualista ("escravo da paixão"); mas, a partir dos seus anos de maturidade, pôs-se

1616
1546
70